

O CHEIRO DE DEUS, DE ROBERTO DRUMMOND:

Novas Visões Sobre a Literatura

Paula Rodrigues Pontes

University of Georgia

A literatura brasileira tem um dinamismo que muitas vezes pode ser traçado a partir da leitura da obra de um escritor ao longo dos anos. Este trabalho pretende apresentar a última obra de Roberto Drummond de maneira simples, mostrando como em seu último livro ele pode representar uma nova visão sobre sua literatura e por conseguinte, da literatura do Brasil.

Roberto Drummond é um escritor cujo berço literário já viu nascer grandes escritores brasileiros como João Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade.

Esta carga vem como herança e é assim que Drummond surge no cenário literário mineiro e brasileiro como parte de uma geração de escritores que participaram do revolucionário “boom” de contos que invadiu o Brasil nos anos 70. Esse “boom” foi representando por um aumento no número de contos e contistas publicados no Brasil e que causou grande repercussão no meio literário por fazer um uso maior da realidade mágica.

Alfredo Bosi, na *História concisa da literatura brasileira*, ao fazer uma seleção de contistas dos anos 70, indica o nome de Roberto Drummond entre outros escritores como João Gilberto Noll, Sérgio Sant’Anna e Marina Colassanti. Assim, surgindo neste contexto e marcando bem o centro dos anos 70 é que Drummond começa oficialmente sua carreira literária com a publicação em 1975 do livro *A morte de D. J. em Paris*, recebendo o “Prêmio Jabuti” na categoria de novos autores. Alguns contos desse livro já haviam sido premiados no concurso de contos do Paraná. Em seguida, Drummond publica os seguintes livros de ficção *O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado* (1978), *Sangue de Coca-Cola* (1980), *Quando fui morto em*

Cuba (1981), *Hitler manda lembranças* (1984), *Ontem à noite era 6^a.feira* (1988), *Hilda Furacão* (1991), *Inês é morta* (1993), *O homem que subornou a morte* (1999) e *O Cheiro de Deus* (2001). Desde sua primeira publicação, Drummond tem trabalhado ativamente como autor e jornalista.

Este trabalho de jornalista reflete-se nas suas obras e seu livro *O homem que subornou a morte*, lançado em 1999, constitui uma coleção de crônicas publicadas em diversos órgãos de comunicação como a Revista Brasileira de Letras, os jornais O Dia, Correio Brasiliense e Hoje em Dia. Atualmente, ele escreve sobre esportes e cultura no jornal Estado de Minas.

De um modo geral, seus trabalhos jogam e brincam com história e realidade, usando figuras reais como personagens, “ficcionalizando” a realidade. Durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1984), este modo de escrever foi uma maneira de disfarçar a realidade necessária para se conseguir escapar da censura. Para Drummond, a realidade ficcionalizada acabou se tornando um traço característico da sua escrita a qual ele mesmo nomeou “literatura pop.” Para Drummond, sendo uma nova forma de escrita, a literatura pop estaria presente não só através de ícones da cultura popular mas também na maneira como incorporaria um estilo de narrativa inspirado na linguagem dos desenhos animados e dos quadrinhos. Em entrevista ao jornalista Francisco de Moraes Mendes, Drummond explica que fez literatura pop como “uma maneira de configurar um país ocupado pelo estrangeiro e que hoje é diferente” (O Tempo 4), mais como um símbolo de contemporaneidade ou incorporação de diversas culturas.

O seu último livro, *O Cheiro de Deus*, é produto de anos de trabalho. O autor revelou que durante os últimos treze anos, o livro foi seu projeto. Em uma entrevista a mim concedida, o autor explicou que tinha planos para um livro intitulado *A felicidade bate à sua porta*, uma referência a um programa de rádio muito popular no Brasil dos anos 50 e 60. Nos primeiros rascunhos desse projeto, a narrativa se centrava em Vó Inácia Micaéla que praticamente já possuía todas as características que teria na versão final – *O Cheiro de Deus*. Drummond sentia que faltava à personagem um objetivo, algo maior que pudesse dar um sentido à sua existência. Um dia,

enquanto Drummond caminhava com seu amigo, Frei Beto, o autor teve uma idéia a partir de uma frase dita pelo mesmo: “O que as pessoas gostam de mim é o cheiro de Deus.” Neste exato momento, Drummond se deu conta de que ele não só tinha encontrado a idéia para a motivação da existência de Inácia Micaéla. Ao mesmo tempo, por causa da força desta inspiração, decidiu mudar o título do livro para *O Cheiro de Deus*. No ano de 1991, o livro já estava tomando forma mas a necessidade de cumprir prazos com a editora fez com que Drummond roubasse idéias do livro em formação para escrever *Hilda Furacão*, deixando *O Cheiro de Deus* provisoriamente desfalcado e esquecido. Enquanto *Hilda Furacão* foi escrito em alguns dias, *O Cheiro de Deus* levava anos para ser finalizado. Depois de *Hilda*, Drummond retomou *O cheiro de Deus*, terminando-o por volta de 1999 e lançando-o com o novo milênio em 2001. (Entrevista Pessoal)

Vó Inácia Micaéla foi, desde o princípio do projeto, a pedra angular do livro e todos os seus 36 capítulos invariavelmente começam ou com um episódio de sua vida ou uma referência a ela. Como nos outros livros, também neste encontramos a presença da mistura da realidade com a ficção em várias partes. A longa dedicatória é a primeira a apresentar esta característica. Ela é iniciada por uma dedicação especial a Frei Beto, inspirador do título, embora isto não seja explicado. Em seguida, a dedicatória distingue pessoas pertencentes ao mundo das artes e outras de sua admiração pessoal distribuindo-os de acordo com as rubricas: “no que tiver de fé”, “no que tiver de esperança”, “no que tiver de alegria”, “no que tiver de rebelião”, “no que tiver de coração do mundo”, “no que tiver de água matando a sede”, “no que tiver de canção do mundo”. Como outro reflexo do jogo entre realidade e ficção, o autor também dedica o livro à Catula, personagem de *O Cheiro de Deus*.

As epígrafes também mostram a mescla de realidade e ficção. Ao lado de uma citação da Bíblia e uma entrevista com Albert Einstein, estão citações de *Dom Casmurro* de Machado de Assis, de *Quarta-feira de Cinzas* de T. S. Eliot e de *Rei Lear* de Shakespeare. Todas essas epígrafes falam de Deus como que preparando o leitor para a busca do cheiro de Deus, o alicerce sobre o qual o texto será construído.

A seguir, temos uma bela árvore genealógica, com suas rosas estilizadas e as fotos antigas dos nobres ancestrais. É a árvore do “Clã Drummond do Brasil”. Por causa disto, o romance pode quase ser visto como uma autobiografia ficcional ou mesmo como uma espécie de narrativa genealógica, deixando ao leitor a indagação sobre o que é verdadeiro e sobre o que é imaginário. A partir daí, o leitor é provocado a participar do jogo que a narrativa propõe.

O enredo em si se passa por volta dos anos 50 e começa com a história de Inácia Micaéla, uma mulher que desafia os valores da tradicional família mineira quando se casa com seu tio. Ela é descrita como:

uma bela moça de olhos cor de musgo, e foram os olhos que encantaram Vô Old Parr. Quando fez 15 anos, sem nunca ter namorado rapaz algum, os pais, Vô Furst e Vó Maria Micaéla, levaram-na para conhecer o mundo e saber se queria mesmo ter o Tio Old Parr como marido... Por essa época, sonhava ser uma pianista de fama mundial, mas abriu mão dos sonhos para se casar com Vô Old Parr. (16 - 17)

Na verdade, ela não é a primeira pessoa da família a casar com parente próximo. A família Drummond apresentada no livro, assim que chega ao Brasil vinda da Irlanda, imediatamente começa a ter casamentos consanguíneos. Inácia se casa com seu tio Old Parr e eles têm juntos sete filhos. Em seguida, primos e primas se casam entre si. A saga vai se repetindo até a terceira geração mostrada no livro, os netos de Inácia, que se apaixonam por primos, irmão ou tios.

Um membro importante desta família é Anunciata, uma das ancestrais dos Drummond que volta como fantasma depois da morte para revelar a história dos Drummond em um livro, o próprio *O cheiro de Deus*. O capítulo vinte e oito desvenda Anunciata como narradora através do diário de Catula. Esse mesmo capítulo ilustra a complexidade da narrativa por iniciar com um narrador neutro em terceira pessoa: “Convém ler o *Diário da Cidade das Tosses e da Orgia*, que Catula estava escrevendo, para nos inteirarmos dos acontecimentos que estão por vir.” (313)

Logo em seguida, encontramos a voz de Catula através de suas anotações quando ela narra a descoberta dos manuscritos de Anunciata: “Devia estar tão bêbada que esqueceu folhas de seu manuscrito no jardim, que encontrei quando ia para a aula na Escola de Medicina. Pertenciam a partes diferentes do livro *O Cheiro de Deus*, que Tia Anunciata está escrevendo...” (313)

Entretanto, Catula não presta muito atenção aos manuscritos e apenas no dia seguinte volta a eles: “Tia Anunciata esqueceu novamente no jardim do castelo, como de propósito, páginas de seu manuscrito e eu as entrei e li as primeiras linhas de *O Cheiro de Deus*”(314). E nessa leitura entra diretamente a voz de Anunciata, a Drummond fantasma.

Mesmo com a revelação de que o fantasma escrevia um livro assim intitulado, o narrador do romance continua sendo um mistério porque não se pode dizer com certeza quem ele ou ela é. Não somente o gênero do narrador / narradora não é identificado mas o narrador muda em alguns pontos. Por todo o romance, o narrador chama os personagens de Tia, Tio, Vó, Vô. Pode-se inferir que ela ou ele é de algum modo relacionada/o à família como parente. Somente quase no final do livro, os leitores recebem a informação que *O Cheiro de Deus* é um manuscrito de Anunciata, um fantasma, uma das primeiras a cometer adultério na família. Quando este manuscrito é revelado, as primeiras linhas são lidas e o leitor curioso que voltar à primeira página do livro constatará que são idênticos. Mas mesmo sendo este detalhe revelado, nunca há uma certeza sobre a identidade do narrador do livro porque não se consegue reconhecer uma única voz por toda a narrativa. A voz que narra sempre tenta posicionar a narrativa perto da família e do leitor, normalmente escrevendo na primeira pessoa do plural, como em “Neste ponto de nossa narrativa” (184) ou “razões que saberemos mais na frente” (187). Ele/ela chega ao ponto de falar direta e machadianamente com o leitor em “Vocês dirão, leitores e leitoras...” (351).

A complexidade do romance relaciona-se não só com a voz que narra mas também com as várias histórias interconectadas no livro. Pode-se fazer uma leitura através de Inácia. Um outro ponto de vista pode eleger Catula como guia, outro ainda, através de Johnnie Walker, filho de Inácia. De certa maneira, as personagens, pelo menos as mais centrais, estão presentes já no

primeiro capítulo e suas histórias são contadas ao mesmo tempo e paralelamente, criando uma teia de estórias que estão entrelaçadas e justapostas, portanto, ligadas umas às outras de maneira que o que uma personagem faz, afeta sua vida e a de outra também.

Como existem leituras paralelas, pode-se tomar, por exemplo, um trajeto de leitura partindo de Inácia Micaéla, que é a filha de Maria Micaéla e Furst. Quando tinha apenas 11 anos de idade, se apaixona por um tio seu, Old Parr. Ele é o membro da família responsável pela tradição de ter nomes de whiskies escoceses para os homens, como uma ligação com a herança e o passado da família. Assim, seus filhos são White Horse, Red Label, Dimple e Johnnie Walker e seu neto terá o nome de Buchanan's. Estes nomes podem ser sinais dos novos elementos de cultura popular como uma renovação da literatura pop de Drummond ao trazer ícones daquela cultura popular para a obra literária.

Inácia e Old Parr se casam e a história desenvolve-se até o ponto em que Inácia fica cega. Mas mesmo cega, ela continua a ser o centro da família. O seu poder “matriarcal” torna-se muito relevante neste ponto da obra. É uma grande mudança no papel feminino estipulado pela sociedade patriarcal. Neste romance, as mulheres representam a força, o poder e o ponto de convergência da família. As figuras femininas são as mais fortes e elas controlam as decisões familiares. Inácia Micaéla é apenas a primeira figura que mostra isto. Seguindo seus passos, temos Viridiana, a filha que não se casou para evitar outro incesto na família. Mesmo esta decisão de não se casar mostra que as mulheres tinham o poder de decidir sobre suas vidas. Viridiana é também quem decide “trocar o Contestado por Belo Horizonte” (160).

O clã muda-se para Belo Horizonte, num movimento que reflete bem as modificações do próprio país que vai se urbanizando. Esta urbanização reflete-se na literatura como coloca Tânia Pellegrini quando diz que “desde meados dos anos 60, porém, vem-se enfraquecendo a convencional distinção campo/cidade” (117) que vai refletir nos livros e que neste livro é mostrada dentro da história.

Da mesma maneira que temos mudanças espaciais, temos mudanças nos papéis sociais quando a personagem Viridiana assume o papel de guia da vida da cega matriarca, ao se mudarem para Belo Horizonte. O narrador fala diretamente a Viridiana e mostra que

[ela] pensou em comprar um castelo abandonado, habitado por morcegos e fantasmas, e transformá-lo num castelo de Contos de Fadas, onde a dor ia ficar proibida de entrar. (...) Em Belo Horizonte (...) você [ela] ia comandar a guerra de Deus contra o Diabo (...) (150-151)

Para este propósito de guiar a vida familiar dali para frente, Viridiana funda o Conselho de Família que ela mesma dirige e onde é decidido tudo que pode ser dito à Inácia. Esta tentativa de controlar a história da família cria a fábula em que todos eles vivem, como uma representação metaficcional, que acaba por construir a sua realidade particular.

Um exemplo desta criação acontece quando Johnnie Walker vai para a Amazônia e uma rádio anuncia que ele foi morto por índios. Entretanto, as notícias que são transmitidas a Vó Inácia são censuradas e toda a família concorda em não contar à ela sobre a morte de seu filho, sempre reafirmando a ela que ele estava vivo e que voltaria em breve. Logo, todos eles começariam a acreditar nisto e finalmente, ele de fato volta para casa.

Drummond também incorpora certos personagens “fantásticos”, como Catula, a neta de Inácia. Quando passa a envolver o fantástico, o romance vai além da ficção e da realidade sendo transportado para um nível diferente, totalmente à parte do que poderia ser esperado e previsto. Catula é uma linda jovem que muda de raça de acordo com o tempo. Por ser capaz de fazer isto, ela pode atuar em cenários diferentes, lidando com questões de raça e preconceitos na sociedade. Interessante é perceber o momento chave da transformação de Catula, que muda de cor depois de espirrar três vezes, como consequência de uma frente fria que vem da Argentina. Esta transformação detonada por um fato específico é muito similar ao tipo de mudança dos super-heróis de quadrinhos que sempre têm um “detonador” para causar sua mutação, seja um sinal luminoso ou um trovão. Uma descrição da mudança de Catula mostra que ela:

. . . era a hora em que o Brasil e a Mãe África davam as mãos. Era branca, tinha cabelos fulvos e olhos verdes, mas quando uma frente fria vinha da Argentina, sentia um calafrio como a febre do incesto, espirrava três vezes e virava negra.

(85)

Assim, o tempo e os espíritos eram o anúncio da outra Catula.

Mas não apenas figuras femininas habitam o reino fantástico e a figura de Catula tem um par entre os homens. Entre as personagens masculinas, há um “lobisomem.” A princípio, não se sabe quem ele é e a revelação de sua identidade conduz a uma outra história paralela e esta identificação é outra tarefa posta pelo livro. O lobisomem chega a ser revelado na parte inicial do livro. O narrador conta que um caçador foi contratado para prender o lobisomem e que depois de uma noite de caçada para a decepção de todos, “foi buscar dentro da igreja um certo Pedrim das Posses. – Este é o lobisomem.” (118) Entretanto, esse não é o verdadeiro lobisomem e apenas perto do final do romance, o lobisomem é anunciado como sendo Johnnie Walker. A sua identificação também promove a finalização da busca de Catula pela felicidade porque sua felicidade estava ligada ao encontro do verdadeiro amor que seria o homem que se transforma em lobisomem. Os dois destinos associam-se na previsão de uma cigana que disse “ que [Catula] só será feliz se tiver coragem para desencantar o lobisomem do Contestado, pois o único homem que poderá [a] fazer feliz é o que se transforma em lobisomem”. (196) As duas mutações parariam quando eles se encontrassem. Assim, o incesto funciona como a cura de uma “anomalia”. Embora a imagem mítica descreva um lobisomem como um ser amedrontador, este lobisomem é carinhoso, dando rosas para sua amada, fugindo assim da sua imagem estereotipada.

Juntando-se às figuras fictícias e fantásticas têm-se as figuras lendárias, como o capitão Bim-Bim, que é parte do folclore atual de Minas Gerais. Esta figura ajuda a criar uma conexão entre o romance e seu público. Esta ponte é reforçada pelas figuras reais, como o médico Hilton Rocha ou políticos daquele momento histórico, como Benedito Valadares, Getúlio Vargas e

Juscelino Kubitschek. A política faz-se então presente neste livro como em outros de Drummond. Assim, elementos da história são misturados à estória, temperando a ligação entre o real e o irreal

A engenhosidade do autor está em colocar todos estes elementos juntos, criando um fluxo perfeito de mistério que aumenta a curiosidade do leitor e mantém o seu interesse e atenção até o final. O desafio de Inácia em achar o cheiro de Deus acaba sendo o mesmo desafio enfrentado pelos leitores.

Certamente, *O Cheiro de Deus* é diferente de outras obras de Drummond. Mas possui certas marcas do autor ao mesmo tempo. Elementos como o seu nome, o jogo entre história e estória, até mesmo a caneta Parker 51 que seus personagens tanto usam são os mesmos. Mas como afirma o jornalista João Paulo:

O Brasil mudou, a literatura mudou, os leitores mudaram. Roberto Drummond, com *O Cheiro de Deus*, fez sua mais radical mudança em direção ao Brasil, à literatura e aos leitores. . . . As principais alterações presentes no romance, em relação à obra conhecida do autor, estão no estilo direto, . . . na visão filosófica do tempo como uma entidade circular, própria das narrativas míticas, no uso da linguagem sobre a linguagem, que dissolve os diálogos em metanarrativas. (4)

Deste modo, com o *O Cheiro de Deus*, Drummond desenvolve um texto mais sofisticado, crescendo dos seus anos rebeldes de literatura pop para consolidar seu nome entre os importantes escritores de sua geração. Como ele mesmo afirmou, a literatura pop rebelde funcionou a seu tempo e agora as suas preocupações estão além das restrições daquele momento. O seu estilo busca a narrativa polida e lapidada, uma escrita contemporânea de contador de histórias para o simples prazer de narrar. Mesmo ciente dos problemas do termo “pós-modernismo”, podemos enquadrar o nome de Roberto Drummond entre os autores desta geração pós-moderna porque ele rejeita o binarismo estático de alguns modernistas e rompe com o tradicionalismo na contínua exploração das possibilidades oferecidas pelas técnicas de escrita.

Bibliografia

Bosi, Alfredo. *História Concisa da literatura brasileira*, São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

Drummond, Roberto. *A morte de D. J. em Paris*. São Paulo: Editora Ática, 1983.

- - -. *Sangue de Coca-Cola*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

- - -. *Hilda Furacão*. São Paulo: Siciliano, 1998.

- - -. *Hitler manda lembranças*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

- - -. *Inês é morta*. São Paulo: Geração Editorial, 1993.

- - -. *Ontem à noite era sexta-feira*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

- - -. *Quando fui morto em Cuba*. São Paulo: Editora Ática, 1983.

- - -. *O homem que subornou a morte*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

- - -. *O Cheiro de Deus*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- - -. Entrevista por telefone. 28 novembro 2001.

Mendes, Francisco de Moraes. “O autor R. D. quer transcender a crítica” Belo Horizonte: Q

Tempo, seção “Magazine Livros”, 27 de julho de 2001.

Paulo, João. “Dilemas de um autor de sucesso” Belo Horizonte, Estado de Minas, seção

“Cultura”, 21 de julho de 2001.

Pellegrini, Tânia. “A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade”. *Revista de Crítica literária latino-americana*, v. 53, 2001, 115-128.